

CRISE ECONÔMICA

Fernando Henrique segue exemplos ocorridos na Argentina e na África do Sul e tenta passar uma imagem de estadista

Encontro para uma transição tranquila

Paulo Silva Pinto
Da equipe do **Correio**

O resultado das urnas ainda está longe, mas a transição começou ontem, com uma reunião do presidente Fernando Henrique Cardoso e seu provável sucessor — um dos quatro candidatos que o visitaram no Palácio do Planalto.

Há duas razões para o múltiplo diálogo: dar um sinal aos investidores de que todos os candidatos têm compromisso com a estabilidade econômica e aproveitar o tempo escasso para preparar a mudança de comando na Esplanada, daqui a pouco mais de quatro meses.

Em 1989, a Argentina do presidente Raúl Alfonsín vivia o problema inverso. Em maio, Carlos Menem já havia sido eleito, mas teria que esperar sete meses até tornar-se presidente. Menem recusou o convite de Alfonsín para formar um governo misto de transição. Em junho, com inflação mensal de 197%, decidiu-se antecipar a posse. Com um pacto de congelamento de preços e salários, a inflação caiu para 5,9% depois de quatro meses de Menem no poder.

A transição de Fernando Henrique para o próximo presidente assemelha-se ao caso Argentino pelo fato de os impasses serem

econômicos, principalmente a dívida pública de R\$ 750 milhões, em rápido crescimento. Não há, porém, a delicada situação política que se seguiu à eleição de Nelson Mandela na África do Sul, em 1994. Ele aliou-se, para governar, com o partido que esteve no poder durante os quase 30 anos em que ficou preso.

Segundo analistas, ao observar situações como essas duas, o futuro presidente e os brasileiros podem considerar a nossa atual transição algo tranquilo. Para o cientista político Fernando Abrucio, professor da Fundação Getúlio Vargas, será até mesmo uma das mais

tranquílias mudanças de comando no Brasil, mesmo que a oposição vença. “Nós perdemos à memória do que é crise”.

Para Abrucio, a preocupação do presidente em adiantar a sucessão chega a ser quase um capricho. “É uma inovação democrática, para deixar sua marca na história. Ele quer sair com a melhor imagem possível”.

O cientista político David Fleischer, professor da UnB, concorda. “Fernando Henrique quer sair como estadista, com uma transição civilizada”. Uma medida inédita foi a oferta do presidente para nomear funcionários escolhidos pelo sucessor, tão logo se conheça o resultado das urnas.

Apesar de todo esse esforço, porém, Fleischer acha que será difícil a Fernando Henrique fazer os brasileiros esquecerem da alta taxa de desemprego com que deixou o país, das reformas incompletas e dos escândalos de corrupção no governo.

A HERANÇA DE FHC

**R\$ 28,9
BILHÕES**

é o superávit
primário (sem despesas
com juros) do setor
público

**R\$ 750
BILHÕES**

é a dívida pública
líquida em junho

5,84%

é a inflação (IPC-A)
prevista para o ano

